Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

MARIA: mulher da escuta, do acolhimento e da prática

Joselito Freire Moreira Araújo Filho[1]

Introdução

Falar sobre Maria é trazer à superfície o seu sim incondicional ao projeto de salvação tão desejado por Deus. Ela é aquela que escuta e acolhe a Palavra de Deus em seu íntimo, iluminada pelo poder do Espírito Santo, e, para fazer a sua escolha, questiona sobre se é ou não a vontade do Senhor. Essas interrogações são feitas ao Anjo Gabriel, tendo como propósito unicamente fazer e estar a serviço da vontade de Deus. Mesmo sendo predestinada e livre da mancha do pecado original, tinha livre arbítrio para discernir entre o sim e o não. Por estar livre se sente motivada a interrogar o anjo: “como se fará isso, se não conheço homem?” (Lc 1,34). O anjo prontamente responde (cf. Lc 1,35), e, por Ela estar consciente de que essa é a vontade do Senhor, dá a resposta que toda a humanidade almejava dar, o seu sim a Deus.

Perante a proposta de Deus, Maria responde de modo espontâneo, e essa resposta aflora da sua generosidade. A sua disponibilidade a Deus faz acontecer a unidade da liberdade e da vontade. Esta entrega tem um nome e se apresenta de maneira muito simples, a fé, tendo como significado arriscar-se e lançar-se nos braços do Senhor com confiança. Maria escutou a Palavra e não só a escutou, mas também a acolheu na sua vida, abrindo-se e permitindo-se que Deus fizesse morada no seu interior, saindo de si e se sentindo chamada para o grande projeto de Deus.

Desenvolvimento do tema

A cooperação entre Deus e os homens na história da salvação é existencial, e vai se concretizando através da sua palavra prometida. Na pessoa de

[1] Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Email: jfmaf@hotmail.com

Maria, acontece a inauguração da tão esperada promessa já presente no livro do profeta Isaías (cf. Is 7,14), a plenitude dos tempos, que, na verdade, se apresentará como o tempo primordial da redenção. O Espírito de Deus estará sobre ela, acobertando-a de graças. Em Maria, uma nova história se inicia, é o tempo da plenitude (cf. Lc 1,35) (MARIA; NOLÊTO, 2013, p. 64). Foi introduzido um novo tempo, o tempo da plenitude onde a salvação está presente. Como poderia ser chamado o tempo anterior a este? O Apóstolo São Paulo se refere a esse tempo anterior como um tempo de pecado, de sofrimento e, como muitas promessas, todas inseridas na plenitude dos tempos. A resposta de Maria ao anjo fez separar os tempos, o tempo de Deus se insere no tempo dos homens, o Divino se faz carne, não é aquele que é servido, mas aquele que serve, indo ao encontro de todos por amor. “Maria, a mulher da plenitude dos tempos” (MONTEIRO, 2015, p. 136). Encontrar Jesus é a inauguração da plenitude dos tempos, ou melhor, “é agora o tempo favorável, é agora o dia da salvação” (II Cor 6,2).

Todo o Novo Testamento é revestido pelo anúncio de Jesus Cristo e pela sua Páscoa. Dessa realidade pascal nasceu a fé e iniciou-se a reflexão teológica da Igreja. Quando se fala de Jesus Cristo nos livros do Novo Testamento, a ressurreição estará sempre iluminando essa leitura, até mesmo a sua infância e, por conseguinte, a pessoa de Maria. A figura de Maria sempre aparecerá no horizonte teológico à luz de Jesus Cristo, por questões cristológicas. No Novo Testamento, Maria nunca é apresentada a partir de si mesma, sempre a partir do Cristo (PEREIRA, 2011, p. 300).

A maternidade divina compõe o centro da Mariologia, pois o acontecimento essencial na sua vida é a sua maternidade, Mãe de Deus, apresentando-se, assim, sua função na história da salvação e direcionando toda a sua história de vida. Maria está ligada a Cristo e, a partir Dele, está ligada à Igreja. Jesus Cristo é a razão de ser do cristianismo, já Maria é a razão necessária, por ser a pessoa que está mais próxima ao centro que é Jesus. (LUMEN GENTIUM, 52-53)

É evidente que o Novo Testamento não fala muito de Maria, apesar de tantas devoções na Igreja dirigidas a ela como mãe do Senhor. Porém é necessário estar atento que Maria se encontra presente nas três etapas que formam o mistério da redenção: o Verbo Encarnado, o Mistério Pascal e o Pentecostes. O Verbo Encarnado (cf. Lc 1, 26-38), onde a pessoa do redentor é constituída homem Deus. Enquanto homem abraça a nossa humanidade e se dispõe a lutar por nós, e

enquanto Deus é Aquele que salva e tudo o que faz tem um valor infinito e universal. No Mistério Pascal (cf. Jo 20, 19-23), o pecado é destruído com a sua morte, fazendo surgir uma nova vida pela ressurreição. Por fim, Pentecostes (cf. Atos 1,12-14) é a presença do Espírito Santo que vem sobre a Igreja e que vem depois sobre cada crente pelo sacramento do batismo, tornando-se presente e agindo na história a redenção realizada em Cristo Jesus. Logo, não existiria o mistério cristão se faltasse um desses três momentos (CANTALAMESSA, 1992, p. 83). Desse modo, Maria fez também o itinerário da fé, permaneceu fiel e unida ao seu Filho até a cruz, e, junto da cruz, manteve-se de pé, vivenciou o sofrimento com o seu Unigênito e se integrou de coração materno ao seu sacrifício, permitindo de maneira amorosa a entrega do seu Filho, o qual havia gerado (LUMEN GENTIUM, 58). Por isso, pode-se afirmar que “Maria é o lugar onde irradia a luz de Deus; luz que brilha para toda a humanidade” (MONTEIRO, 2015, p. 139).

Maria é mãe e discípula. Estas são as particularidades bíblicas mais transparentes que nos impulsionam a afirmar que o sim materno de Maria foi gerado pela sua fé, favorecendo-a na escuta, na interiorização e no acolhimento à proposta divina. Este seu comportamento pode ser observado nos Atos dos Apóstolos 1, 14: “Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele”. Sem deixar de ser mãe, Maria se coloca como discípula, com uma disposição para escutar e colocar em prática a Palavra de Deus. Com esta resposta exemplar ao chamado de Deus, torna-se mãe e participa agora do plano salvífico de Deus. Tornando-se assim, incentivo para todos aqueles que cooperam com a missão apostólica de Jesus (COSTA, 2013, p. 82). O Vaticano II, em documento, apresentou Maria como modelo exemplar dos pastores e dos agentes pastorais em geral: “Essa Virgem deu em sua vida o exemplo daquele materno afeto do qual devem estar animados todos os que cooperam na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos seres humanos” (LUMEN GENTIUM, 65).

A maternidade de Maria não é só de ordem biológica, é também alicerçada em uma fé que é gerada por uma escuta revestida pela obediência e por um acolhimento onde a entrega total é concretizada pelo sim a Deus (COSTA, 2013, p. 83). É de fundamental importância destacar a diferença entre obediência e entrega total. Nem todos que obedecem tem o compromisso da entrega total, já que existe uma facilidade em estar em obediência por coisas que se distanciam da

vontade do Senhor. O que o Senhor almeja é a dependência do nosso coração e de nossa vontade, e não simplesmente o ato de obedecer. A entrega total deveria ser a razão pela qual se deve viver a obediência. Maria é aquela que se entrega pela obediência. Obediência fruto de um amor e de uma fé comprometida em fazer da vida Palavra de Deus (BENNER, 2006, p. 60).

O sim de Maria é completo e sem exigências. É importante fazer uma relação do sim dado por Maria com outros sins que surgiram em momentos decisivos na história da salvação: o sim de Deus no início da criação e o sim do Senhor Jesus na redenção. O sim de Deus na criação é o sim de um Deus divino em sua natureza e em sua pessoa. O sim do Senhor Jesus é uma atitude humana de um Deus, porque vem da vontade humana e, ao mesmo tempo, é divino porque é da natureza divina, a pessoa do Verbo Encarnado. Já o sim dado por Maria, é de uma pessoa humana. Nesse sim, a plenitude de Deus acontece bem antes de Jesus dar o seu sim definitivo. O sim de Maria é o sim de todo ser humano a Deus. Aquela que acolhe com confiança e alegria o anúncio do Anjo: “faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38) (CANTALAMESSA, 1992, p. 41).

Ela é a discípula amada do tempo de Jesus e continua no tempo da Igreja. Uma mãe que vai além do ser mãe física, pelo discipulado, pela escuta e pela acolhida de Jesus, dando à luz a comunidade cristã. Ela acolhe e faz a Palavra de Deus ser atitude verdadeira em sua vida, por isso, o valor da sua maternidade não se encontra no fato físico, mas sim na fé. É obvio que a maternidade de Maria tem o olhar teológico e o olhar antropológico. Teológico por ser mãe de Jesus (Ele tem também a natureza divina). Antropológico porque é mãe de Jesus homem. Olhar para o cristianismo nas origens é reaver a memória e a contribuição das mulheres, com destaque à Maria, Mãe de Jesus, intrinsicamente ligada ao anúncio da Boa Nova (COSTA, 2013, p. 84). A Mãe de Jesus está presente nestas duas realidades do Antigo e Novo Testamento. O amor misericordioso do Deus que salva passa por ela, tornando-a, assim, um ser humano com uma realidade histórica e teológica, ultrapassando a si mesma e se apresentando com um significado amplo. Sem Maria, a tradição judaico-cristã estaria faltando algo primordial para sua compreensão (MATOS, 2016, p. 141).

Portanto, o sim de Maria é dirigido para os seguidores de Jesus, tornando-se convite e modelo. Quando Jesus explica a parábola da terra e da semente, Ele deixa evidenciado que os seguidores precisam buscar e colocar em

prática algumas atitudes básicas (cf. Lc 8,15). Estas atitudes básicas são: escutar, acolher e frutificar. O evangelista Lucas apresenta Maria a partir dessas atitudes básicas, como qualidades inerentes à Mãe de Jesus, como aquela que escuta a Palavra de Deus, que a acolhe no seu coração e que a põe em prática. Ela faz parte do grupo de seus seguidores, como exemplo de discípula (Lc 8, 21) (MURAD, 2012, p. 53).

Maria talvez tenha vivenciado um dos maiores desafios da sua vida ao acolher a atitude de seu filho Jesus de ser livre diante dos laços familiares. Não se pode esquecer de salientar que a família, neste período, era vista de maneira intensa. Havia um compromisso familiar que se passava de geração a geração, pais com filhos, filhos com pais e até mesmo com os parentes que estavam próximos, a troca de favores era constante e a retribuição se fazia necessária. O nome da família era zelado, a mãe tinha um compromisso diário dentro de casa, exercia controle sobre os filhos e era honrada por eles. Jesus, à medida que vai assumindo a sua missão, percebe que a liberdade é fundamental para a propagação do Reino de Deus. Ele rompe com os vínculos familiares, causando frustrações e começa a afirmar que os membros da sua família são aqueles que escutam, acolhem e que põem em prática a Palavra de Deus (cf. Lc 8,19-21). Não há nenhum propósito de desmerecer a família, pelo contrário, Jesus denuncia todo relacionamento que impede o ser humano de exercer a liberdade (MURAD, 2012, p. 64).

Considerações finais

Uma pergunta tem que ser feita: como Maria escutou e acolheu esta mudança? Acredita-se que foi necessária uma superação intrínseca. Primeiramente, por perder o privilégio de Mãe e o controle do seu Filho, que já afirmava que tinha uma nova família. Posteriormente, por ultrapassar todos os empecilhos com as suas atitudes básicas de escutar, acolher e pôr em prática a Palavra de Deus, em nome da fé. Ao agir dessa forma, permite a si mesma o desafio de se comprometer à mudança. Insere-se no grupo de Jesus, participando do discipulado, dos aprendizes do mestre. A mãe educadora de Jesus agora se coloca como aprendiz do Filho. Não há privilégios, tira todas as vestes do poder maternal, torna-se discípula e assume a missão de ser peregrina da fé no seguimento ao Senhor Jesus.

Há três palavras que poderiam sintetizar o comportamento de Maria: “[...] a escuta, a decisão e a ação [...]. Palavras que indicam um caminho para nós diante daquilo que o Senhor nos pede na vida” (FRANCISCO, 2015, p. 103).

> Esta é a verdade que mais vincula Maria a Jesus, mais do que o sangue e a carne. Jesus é filho de Maria enquanto é o fruto da sua escuta e da sua prática da Palavra. O ouvir e o viver a Palavra levam Maria a pronunciar o Fiat e é condição para a sua maternidade. O seu Fiat é uma resposta livre, ativa, dinâmica, autônoma, criativa colocada a serviço da salvação que Deus oferece à humanidade (COSTA, 2013, p. 84).

Ela permitiu a si mesma a prática do escutar a Deus. Não de uma ingênua escuta, abstrata, mas de uma escuta revestida de atenção, de obediência comprometida em acolher com uma entrega incondicional ao Senhor. Essa escuta é exercida no que Deus fala no seu dia a dia, no relacionamento com as pessoas, nos fatos e acontecimentos da vida, ciente de que o Senhor vai ao seu encontro de várias maneiras, na Encarnação, no Mistério Pascal e em Pentecostes. Assim como Maria, cada crente é convocado, por Deus, para viver e anunciar o seu projeto, por isso também recebemos um apelo divino. Na anunciação, toda a humanidade é agraciada por Deus, pois Ele está presente e nos convoca à missão e a sua presença traz júbilo em nós.

Referências

BENNER, David G. **A entrega total ao amor**: descobrindo a essência da espiritualidade cristã. São Paulo: Loyola, 2006.

CANTALAMESSA, Raniero. **Maria, um espelho para a Igreja**. Aparecida: Santuário, 1992.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

COSTA, Etel Maria Pereira da. Maria, arquétipo do feminino na Igreja: uma leitura do capítulo VIII da Lumen Gentium. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 21, n. 82, p. 75-107, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo /article/download/17386/12926>. Acesso em: 21 abr. 2017.

FRANCISCO (Papa). **A Igreja da Misericórdia**: minha visão para a Igreja. 3. ed. São Paulo: Paralela, 2015.

MARIA, Margarida; NOLÊTO, Flávio Pereira. Razão pela qual Maria é a mãe de Deus. **Anápolis**, Cidade Jardim – GO, v. 6, n. 11, p. 63-77, jan. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/Dm3MtY>. Acesso em: 25 abr. 2017.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Misericórdia**: o coração pulsante do Evangelho. Belo Horizonte: O Lutador, 2016.

MONTEIRO, André Aparecido. A plenitude dos tempos e ação do Espírito Santo na vida. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 134-143, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/download/23766/17039>. Acesso em: 27 abr. 2017.

MURAD, Afonso Tadeu. **Maria toda de Deus e tão humana:** compêndio de mariologia. São Paulo: Santuário, 2012.

PEREIRA, André Phillipe. Maternidade divina de Maria. In: CONGRESSO DE TEOLOGIA DA PUCPR, 10., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2011. p. 296-310. Disponível em: <https://goo.gl/ddakTo>. Acesso: 26 abr. 2017.